



DE QUEM É A CULPA?

“A culpa foi do macaco”

Título do primeiro filme dos irmãos Marx

Esta expressão é muito usada. Hoje em dia, há cada vez mais uma tendência, de atribuir as situações complicadas que nos surgem a alguém ou a algo. A culpa é do sistema, a culpa é daquele político, a culpa é da conjuntura, a culpa é da crise. Há sempre um processo de ver no exterior as responsabilidades sobre as desgraças, sobre os momentos penosos que vivemos. Mas será que a realidade é mesmo isso?

A questão que coloco tem a ver com o seguinte ... somos educados a achar normal que haja um processo de desresponsabilização, e a um desenvolvimento de um Ego, que leva frequentemente a que nos vejamos como possuidores da verdade absoluta. Quantos de nós, numa conversa, não ficamos boquiabertos ao ouvir as declarações de algumas pessoas, que depois de terem cometido um erro óbvio, colocam-se numa postura de indignação quando lhes chamam a atenção para esse facto, negando o óbvio, a realidade, tomando mesmo a postura de inverter os papéis e arranjando desculpas esfarrapadas ou atribuindo os actos a outros. Não estou a afirmar que as motivações sejam a maldade. Acredito sinceramente que uma parte significativa delas agem assim porque foram educadas, ou deseducadas. É-lhes transmitido ao longo de um processo, desde criança, que elas não são responsáveis, que tudo o que elas fizerem está correcto, que faz parte da liberdade pessoal delas, fazendo parte de um processo de exibição, de engrandecimento pessoal, de competição com os outros e com o mundo. Mas a verdade, num processo normal de evolução da personalidade, não é esta. A verdade é que somos nós os responsáveis. Pode ser em menor ou maior grau, mas somos nós que colocamos ditadores nos seus lugares de poder. Somos nós que nos abandalhamos e deixamos que o mundo se transforme numa imensa lixeira. Somos nós os responsáveis a partir do momento, em que, tomando consciência, entramos num processo de “negação” que os psicólogos referem regularmente. Isto é um processo comum hoje em dia, pois a maior parte das pessoas, não têm consciência, ou preferem não ter, da Realidade em que vivem. Falo aqui em Realidade e não das realidades pessoais, sociais e construídas que aceitamos como verdades. Ao não ter consciência da realidade, e não lutando por ela, passamos a ser co-autores da destruição em que o mundo se encontra, num processo cada vez mais complexo, mais doloroso, onde nos sentimos frequentemente impotentes e onde atribuindo as culpas



aos outros tentamos aliviar as “dores” e as culpas que sentimos. Não assumimos assim a nossa responsabilidade, não damos um passo em frente no sentido de corrigir as coisas, dentro das medidas das nossas possibilidades. Isso frequentemente trás consequências desagradáveis para nós. Lembro na história, vários exemplos, que a vontade de um homem mudou o curso dos acontecimentos. Temos de ter a consciência, que muitas das vezes, para mudar o mundo há sacrifícios a assumir e não a esperar que sejam os outros a assumir essa responsabilidade.

Aquela imagem do homem generoso, ousado, solidário que pensando nos outros age sacrificando-se (lembro Frodo do Senhor dos Anéis, São Francisco de Assis, Gandhi, etc), é hoje cada vez mais uma imagem longínqua, fora de moda, estranha à maneira de pensar na nossa sociedade. “Não, os outros que se sacrifiquem, e fiquemos aqui quietos no nosso lugar, esperando que as coisas mudem”. Espíritos amolecidos, alienados e embriagados por estímulos, que não entendem que as coisas vão mudar, mas não é para melhor, e o momento de agir poderá já ter passado. O primeiro passo a dar é querer ... querer tomar consciência, e depois pensar que se chegar a nossa vez de ter de dar o passo em frente, e isso for desagradável, com consequências, para nós então seja. Lembro aquela frase do filme Gladiador: “Aquilo que fazemos aqui ressoará na eternidade!”.

A imaturidade que hoje se instalou é sinonimo de uma infantilização, no mau sentido do termo, pois será geradora de “paternalismos” e estratégias de controlo que interessam a quem pretende manter-se no poder mas não interessa a uma população “adulta” e critica.

De um ponto de vista das Artes Marciais, nomeadamente do estudo do Haragei devemos estar atentos a vários factores inerentes ao que sociológica e psicologicamente foi anteriormente analisado, como por exemplo:

- A raiva ou indignação devem ser impedidas a todo o custo porque os comportamentos que acima foram apontados como, a incapacidade ou ausência de “reação” perante as situações, podem estar na origem até de opções estratégicas e sociais de políticas de manipulação de pessoas ou grupos. Lembremos o que Miyamoto Musashi usava para destabilizar os seus oponentes. Deixarmo-nos fragilizar por essas emoções é colaborar com o erro ou com a estratégia do inimigo. No estudo do Kenjutsu e do Awase estudamos este aspecto.



- A falta de verticalidade moral que se reflecte a nível físico e tão importante na execução de algumas técnicas tanto to taijutsu como no kobujutsu, acaba por nos “desequilibrar” inicialmente a nível psicológico e depois a nível físico. Estando o eixo do nosso trabalho (desatenção) fora da base de sustentação não é possível manter o nosso equilíbrio;
- A dispersão de forças quando estamos demasiados virados para o exterior, estimulados por imagens de “sexo”, “bem-estar físico”, “sucesso e bens materiais”. Quando falamos de exterior não significa ficar autistas mas estar num processo em que permanecemos no nosso centro, olhando o exterior mas nunca nos deixando arrastar para fora do nosso “círculo”. A descontração é importante mas hoje vivemos de uma forma “relaxada”, não como o gato, que com aquela tensão justa age. Devemos agir de acordo com os nossos objectivos e não “reagir” e tornarmo-nos marionetas da vontade dos outros. Numa aula devemos educar para estar sempre atentos, com uma postura corporal adequada e sem nos “distrair” criando condições para que esteja sempre presente uma auto-reflexão que não só garanta uma capacidade adequada de interpretação da realidade exterior mas também
- Devemos desenvolver o desapego à vida não porque a vida não seja preciosa, mas porque o apego gera o medo.
- Devemos desenvolver um espírito auto-critico que nos permita uma análise permanente e correctiva dos nossos comportamentos, das nossas emoções, dos “nossos desejos”.

Muito mais se poderia falar na perspectiva do Haragei mas devemos privilegiar uma abordagem pessoal pois cada um é mundo específico que necessita uma intervenção pessoal, e isso é claramente o núcleo pedagógico de trabalho numa Koryu.

*O mar está revolto e com dez metros de altura e eu estou ao leme do barco. De quem é a culpa?
Da revolta do mar não me culpo mas de estar ali isso só a mim me posso culpar e nem isso pois
não será a culpa que me tira do problema mas as decisões que tomarei para galgar as ondas.*

Lisboa, 9 de Junho